

Filomeno Tomás Ferreira

(Beaumont)

## **Cada barriga com a sua lombriga**

2022

## **Personagens:**

**CALULU**, marido da Muamba, pai do Mengueleca e da Cabidela. Amigo do Catato, do Ngonguenha e do Machanana. Ex-colega do Cabuenha.

**MUAMBA**, mulher do Calulu, mãe do Mengueleca e da Cabidela. Amiga da Sumate.

**MENGUELECA**, primogénito do Calulu e da Muamba.

**CABIDELA**, filha do Calulu e da Muamba.

**SUMATE**, amiga da família.

**KIZACA**, falecido marido da Sumate.

**MACHANANA**, amigo do Calulu, Catato e do Ngonguenha.

**CATATO**, amigo do Calulu, Ngonguenha e do Machanana.

**NGONGUENHA**, amigo do Calulu, do Catato e do Machanana.

**MUTETA**, amiga da Mufete

**MUFETE**, amiga da Muteta

**CABUENHA**, amigo da Mufete e da Muteta, ex-colega do Calulu.

## **Caracterização dos personagens**

**CALULU** – Licenciado em engenharia informática e engenharia de minas. Desempregado, foi despedido de uma empresa sem aviso prévio. É homem de uma só mulher. É engraçado apesar de estar sempre preocupado com a vida.

**MUAMBA** – Vendedora ambulante (o seu negócio é a única renda da casa), mantedora do sustento da família. É serena embora irrita-se com facilidade.

**MENGUELECA** – Saiu recentemente da adolescência. É estudante do ensino médio. É bonito, engraçado, criativo.

**CABIDELA** – Filha caçula, bonita, está quase a sair da puberdade. É estudante, inteligente. Resmungona.

**SUMATE** – Viúva do mano Kizaca. Bonita, tem um coração que reside amor.

**KIZACA** – Falecido. É conhecido apenas pela notícia da sua morte.

**MACHANANA** – Garçom. Alegre, amante de música e de dança.

**CATATO** – Cardíaco, ex-usuário de cerveja e de cigarro. Desempregado, inteligente.

**NGONGUENHA** – Espontâneo, tem uma barba bem tratada. Mulherengo. Desempregado, de poucos estudos.

**MUTETA** – Teimosa, bonita, provocante, vigarista.

**MUFETE** – Confiante, persuasiva, bonita, sedutora, vigarista.

**CABUENHA** – Ladrão, oportunista.

**Época:** 2014, período da queda do preço do barril de petróleo no mercado internacional.

**Lugar:** Luanda, numa das suas zonas periféricas.

## Primeiro ato

A sala é composta por poucas mobílias domésticas, mas tem o seu charme. Há uma estante que suporta um televisor, nas extremidades de cada lado da estante, encontram-se as esculturas do pensador e de um elefante. Há dois quadros na parede, no lado esquerdo, um da Welwitschia Mirabilis, debaixo dele há uma arca e duas portas, uma cinzenta e outra branca, que dão acesso aos quartos, no lado direito, há o quadro da Palanca Negra Gigante, que está próximo a cortina que dá acesso à cozinha. As paredes da sala são brancas. Há uma lâmpada fluorescente no teto. Há uma mesa composta por três pratos, garfos e copos, há também, por cima da mesa, uma jarra com água e um controlo remoto.

### Cena I

O Calulu, na extremidade direita, e a Muamba, na extremidade esquerda, estão sentados à mesa, no centro da mesa estão sentados o Mengueleca e a Cabidela olhando várias vezes para o público. O Mengueleca tira arroz com o seu garfo no prato da Cabidela, a Muamba fica irritada e ralha com o Mengueleca. A Cabidela solta vários muxoxos, o Calulu acaricia suas bochechas. Mengueleca pega no controlo remoto e troca de canal.

**CABIDELA** (afasta o prato de comida. Com rosto zangado, cruza os braços) – Não vou comer esse arroz sem peixe, sem frango, sem nada. Toda hora comer arroz branco. Na casa da tia Sumate comem sobremesa após o jantar.

(Alguém peida, todos entreolham-se procurando o dono do peido).

**MUAMBA** (irritada) – Quem peidou?!

**CALULU** (olha para cabidela) – Que esse peido seja a nossa sobremesa, filha.

**MUAMBA** (chateada, diz em tom alto) – Quê isso?! Tenha mais civismo na mesa. Que bela educação estás a passar! (Baixa a voz) A educação começa em casa, nunca ouviste essa expressão?! (Leva o garfo de comida à boca)

**CALULU** (olha para a Muamba) – Já não se pode brincar cá em casa?! Eu sei por onde começa a educação, Muamba.

**MUAMBA** (mastiga à comida) – As crianças imitam o que os mais velhos falam. Um especialista disse que faz parte de um dos mecanismos de socialização.

**CALULU** (fita a Muamba, segura a sua mão, acaricia-a e diz sorrindo) – Minha mulher vai ser uma intelectual de tanto assistir aos programas de televisão.

**MUAMBA** (desfaz-se da carícia) – Não exageres, Calulu. (Serve um copo de água e bebe).

**CABIDELA** (resmungando, fazendo cara feia) – Aqui só fazem bolo no natal, na casa da tia Sumate fazem bolo quase todos os dias. Ontem já jantamos arroz branco e o papá prometeu que hoje teríamos um jantar especial e que traria uma caixa de yogurt. Já faz longos meses que a minha boca desconhece o sabor de uma comida agradável.

**MUAMBA** (com rosto abatido e com um cansaço na fala) – Teu pai é especialista em não cumprir promessas.

**CABIDELA** (cruza novamente os braços) – Nunca vou aprender a comer com garfo e faca se depender dessas comidas. Na casa da tia Sumate nunca mais comeram arroz branco sem nenhum acompanhante. (Com rosto zangado) Não vou comer essa comida.

(O Calulu fica calado acariciando as bochechas da Cabidela para acalmá-la).

**MENGUELECA** (puxando o prato da Cabidela) – Mamã, posso comer a comida da Cabidela? Ela disse que não vai comer.

**MUAMBA** (Muxoxo) – Mas a comida nunca te chega, Mengueleca? (dá uma palmada na mão do Mengueleca para não tirar o prato) Isso tudo é fome?

**MENGUELECA** – A minha barriga é um planeta com habitantes esfomeados.

(O Calulu põe-se a rir com as mandíbulas expostas)

**MUAMBA** – Parece que a tua barriga colecciona todas as fomes do mundo. Você precisa de comprimido para desparasitar as tuas lombrigas.

**MENGUELECA** (com um sorriso nos lábios) – O que eu preciso neste exacto momento é de mais um prato de comida (leva três garfos de comida à boca, mastiga-a rápido).

**CALULU** (olha para a Muamba e depois olha para o Mengueleca) – Pelos vistos a barriga do nosso filho está furada, temos que cozê-la porque tudo que ele come, sai instantaneamente. (Leva o garfo de comida à boca).

**MENGUELECA** – Acho que as minhas lombrigas estão grávidas pelo nível da minha fome. (Aponta o dedo no prato de comida da Cabidela) posso comer a comida da...

**MUAMBA** (cortando) – bebe água.

**MENGUELECA** – Os nutricionistas dizem que não se pode beber água assim que se acaba de comer, tem que se dar um intervalo de tempo.

**MUAMBA** – Então, repouse.

**MENGUELECA** (sorrindo) – As minhas lombrigas são surdas, não te vão ouvir.

**MUAMBA** – Coma pedra.

(O Mengueleca come sem parar, a Muamba aprecia-o com um ar de desaprovação).

**MUAMBA** – Você poderia comer com mais elegância!

**MENGUELECA** (fala com a comida na boca) – A comida vai esfriar se eu comer com elegância. Não gosto de comer comida fria (leva mais um garfo de comida à boca. Fita a Muamba, sorri e pisca um dos seus olhos para ela).

**MUAMBA** – Isso tudo é fome?

**MENGUELECA** – Eu acho que a minha fome é o melhor exemplo de hipérbole.

**CALULU** (gargalhando com as mandíbulas expostas) – Filho, você merece um Oscar.

**MENGUELECA** – As minhas lombrigas não acham o mesmo.

**CALULU** – Elas não sabem de nada.

**MENGUELECA** (rindo) – Não existe maior crítico do que as lombrigas na barriga, Calulu.

**CALULU** (gargalhando) – Para, por favor, se não vou morrer de tanto rir.

**CABIDELA** – Papá, o professor recomendou cor e régua para próxima aula, teremos aulas práticas a partir de quarta-feira.

**MENGUELECA** (para Cabidela) – Eu tenho cor e régua. Não é necessário comprá-los. Podes ficar com eles.

**CABIDELA** – Obrigada.

**MENGUELECA** – Papá, eu preciso de...

**CALULU** (cortando) – ... dinheiro para fazer um trabalho escolar. É isso que irias dizer, pois não? Diz que não, por favor.

(Mengueleca, sorrindo, balança a cabeça positivamente)

**CALULU** – Mas sempre vos mandam trabalho? O professor não sabe que estamos em crise? Não dá para gastar dinheiro à toa.

**MENGUELECA** – O meu professor disse que a educação é o maior investimento do homem.

**CALULU** (aparte) – Não está fácil ser pai nessa crise.

**MUAMBA** (para Mengueleca) – Quando é que será o dia de entrega do trabalho?

**MENGUELECA** – Daqui há duas semanas.

**CALULU** (aparte) – Graças a Deus!

**MUAMBA** (para Calulu) – Que horas são?

**CALULU** (olhando para o relógio) – São...

**MENGUELECA** (cortando) – São fome horas e ponto.

**CALULU** (gargalhando) – Essa foi boa!

**MUAMBA** – A vossa idiotice tem de ser registrada no guinness book.

**CABIDELA** (bocejando) – Mamã, estou com sono.

**MUAMBA** (com ar de preocupação) – Nem tocaste na comida, coma um pouquinho, filha. A noite é longa, não podes dormir com fome.

**MENGUELECA** – As lombrigas da Cabidela ainda não estão socializadas com o arroz simples. Dêem-me a mim. (Olha para a Cabidela) Seja bem-vinda ao ano 2014.

**MUAMBA** (ordena) – Cala-te lá!

**MENGUELECA** – Já não está cá quem falou.

**MUAMBA** (apontando o dedo indicador ao Mengueleca) – Mais uma piada, coso-te à boca. (Muxoxo) Você não consegue ficar um minuto sem falar?

**CALULU** (para Cabidela) – Come um pouquinho, minha princesinha.

**MUAMBA** – Tenho que ir amanhã à casa da mana Sumate. (Com rosto triste) Até já estou com vergonha, toda hora pedir arroz, peixe, óleo na casa da mana Sumate. Um dia vão só nos falar mal.

**CABIDELA** – Quero ir para cama, estou com muito sono (levanta-se da cadeira, dá um beijinho na testa de cada um, a Muamba segura-lhe pelos braços, saem pela porta branca).

**MENGUELECA** – Papá, a mamã hoje está brava, que bicho lhe mordeu?

**CALULU** – Acho que é o bicho do arroz. (Pausa) Você tem a melhor mãe do mundo, ela me lembra a tua falecida avó.

**MENGUELECA** (olha para televisão a frente de si) – Posso trocar o canal?

**CALULU** – Vamos acompanhar a manifestação.

**MENGUELECA** – Essa manifestação não é do nosso país.

**CALULU** – Vamos acompanhar mesmo assim.

(A Muamba entra pela porta branca e senta-se no seu lugar).

**MENGUELECA** – Não existe maior manifestação do que as lombrigas na barriga.

**MUAMBA** – Agora vamos jantar e acompanhar a notícia.

**CALULU** (para Muamba) – Chamas isso de jantar? (Para Mengueleca) Passa-me a jarra de água, por favor.

**MUAMBA** (nervosa, repete em voz alta) – Chamas isso de jantar?!

**CALULU** – Agora és papagaio? Foi o que eu acabei de perguntar.

**MUAMBA** (indignada) – E isso é o quê?!

**CALULU** (recebe a jarra de água da mão do Mengueleca) – obrigado, Mengueleca. (Volta-se para a Muamba com um sorriso na fala) Achas que as nossas lombrigas estão contentes com o que acabaram de receber? As lombrigas estão fartas dessa comida.

**MUAMBA** (levanta e pergunta um tanto agressiva) – Você trouxe alguma coisa, Calulu?! Você só pode estar a brincar comigo. Foi com muito sacrifício que eu comprei o quilo de arroz, (bate ferozmente na mesa) tive que tostar a minha pele na praça com aquele sol em brasa, sabes quantas peças de cueca vendi? (Pausa) Três peças de cueca. E você? O que fez? Qual foi o último dia que deste dinheiro cá em casa? Olhe o teu estado (apontando para o Calulu) estás aí todo bêbado sem se preocupar com o que iríamos comer. Quantas garfadas deste no prato?! Já encheste a pança na rua comendo pincho. Que bela vida tu levas!

**CALULU** (com rosto acanhado) – Não comprei as cervejas com o meu dinheiro, foi o Ngonguenha que me pagou.

**MUAMBA** (carrancuda) – Sempre te pagam! Que bela função você exerce, hein. Para esses teus amigos, a tua função é só beber cerveja e contar piadas sobre barriga, lombriga e fome. Ao invés de receber cerveja, receba o dinheiro da cerveja e traga um jantar de “verdade” (gesticula as vírgulas altas com os dedos médios e indicadores das suas duas mãos) da próxima vez (Faz-se uma pausa longa e o Calulu olha-a admirado). (Senta-se. Ironiza) As panelas dessa casa poderiam muito bem contar uma bela história se elas tivessem bocas.

**CALULU** – Se as panelas falassem diriam que a nossa casa é a embaixada da pobreza, eu creio que elas diriam isso, (bate com o dedo indicador na mesa) mas essas panelas desconhecem a realidade doutras famílias, nós ainda usamos com frequência as nossas panelas, há famílias que raramente as usam. Nós ainda temos comida para comer, embora não seja a melhor refeição do mundo, mas nós ainda conseguimos saciar a fome.

**MUAMBA** (olha para o Calulu, abana a cabeça. Fala baixinho) – Você é perdoado! (Leva um garfo de comida à boca).

**MENGUELECA** (decide entrar na conversa que até então tinha escutado o Calulu e a Muamba em silêncio)

– O Calulu afinal costuma a usar as minhas frases sobre barriga, lombriga e fome?

**CALULU** – É só para entreter pessoas cujas vidas não têm sentido. A vida é dura, as tuas frases servem de refúgio, Mengueleca.

**MENGUELECA** – Alguém vai ter que pagar os direitos de autor (Sorri timidamente. Olha o arroz no garfo, come. Fita o Calulu).

**CALULU** – pagarei, Mengueleca, (leva a palma da mão direita no lado esquerdo do seu peito) e prometo que essas lombrigas vão parar de brincar, nas nossas barrigas, como se de um parque de diversão se tratasse quando eu começar a trabalhar.

(A Muamba repara o Calulu de cima abaixo)

**MENGUELECA** – A temporada de comer arroz branco sem nada vai terminar quando o papá começar a trabalhar, pois não?

**CALULU** – Sem sombras de dúvida, filho, vamos retornar ao tempo das vacas gordas. (Abaixa a cara para comer o arroz).

**MENGUELECA** – Só espero que essa temporada não tenha vários episódios.

**CALULU** (fala com a comida na boca) – Hei-de conversar com os meus amigos amanhã para procurarmos emprego. Aqui não vai faltar comida quando eu começar a trabalhar, as tuas bochechas voltarão a sair, filho.

**MUAMBA** (com todo desprezo) – Espero que o salário do teu futuro emprego não sirva simplesmente para pagar às dívidas das cervejas. É isso que o teu salário servia: para pagar dívidas. (Leva o garfo com comida à boca e mastiga-a).

**CALULU** (volta a pôr a palma da mão direita no lado esquerdo do seu peito) – Eu prometo como nunca havia prometido antes.

**MUAMBA** (fala baixinho) – Espero que não seja mais uma promessa não cumprida.

(Alguém bate à porta).

**MUAMBA** (ordena) – Escondem os pratos, ainda vão espalhar no bairro que na nossa casa só comem arroz branco.

(Todos escondem os pratos debaixo da mesa).

**MUAMBA** (levanta. Apoia as suas duas mãos nas ancas) – Mas quem será a estás horas??!

(Continuam a bater à porta).

**MUAMBA** (Para Mengueleca) – Vai abrir à porta, por favor.

(Mengueleca sai pelo lado direito do palco).

**SUMATE** – É sou eu, comadre. É sou eu. Estou a entrar.

## Cena II

Entra Sumate, pelo lado direito do palco, correndo e chorando, fica parada, na sala, para ajeitar o pano na sua cintura. A Muamba envolve-lhe num abraço acolhedor, Sumate desata a chorar.

**MUAMBA** (desfazendo-se do abraço) – O que foi, Sumate?

**SUMATE** (rodopia e canta entre os prantos):

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu

Meu mariiido morreu

Meu mariiido morreu

Meu mariiido morreu.

(Calulu fica assustado)

**MUAMBA** (exclama com as suas duas mãos na cabeça. Canta):

Não faliiiisso!

Não faliiiisso!

Não faliiiisso!

(Mengueleca entra pelo lado direito do palco).

**SUMATE** (volta a cantar e a rodopiar):

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu.

**MUAMBA** (volta a cantar):

Não faliiiisso!

Não faliiiisso!

Maaaaas quem lheeee matô?

Quem lheeee matô?

Maaaaas quem lheeee matô?

**SUMATE** (cantando, soluçando e rodopiando):

O mosquito, assassino. O mosquito, assassino

Mosquito é assassino, mosquito é assassino

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu

Maaaano Kizaca morreu.

**MUAMBA** (para Mengueleca) – Traz aquelas duas cadeiras! (aponta para as cadeiras que haviam sentado no momento do jantar. O Mengueleca vai buscá-las).

**SUMATE** (canta)

Não quero cadeira

Não quero cadeira

Quero meu marido, maaaano Kizaca.

(Calulu levanta da cadeira e dirige-se à Sumate e abraça-a)

**CALULU** (com rosto abatido) – Meus pêsames, Sumate.

**SUMATE** (chora no ombro do Calulu, as suas palavras saem entre os soluços) – A Minha vida não vai ser a mesma sem o meu marido. Com tantos malfeiteiros, com tantas pessoas desprezíveis no mundo, com tantas pessoas implorando a Deus para pôr fim as suas vidas, foi logo morrer o meu marido que queria tanto viver?! Que vida injusta!

**MENGUELECA** (traz as duas cadeiras, arrasta-as até onde está a Muamba e a Sumate) – Está aqui.

**MUAMBA** – Obrigado, filho. Senta-te, comadre.

(A Muamba e a Sumate sentam-se uma próxima da outra. A Muamba segura as mãos da Sumate e acaricia-as. A Sumate limpa, entre os soluços, as lágrimas com um lenço de bolso).

**CALULU** (para Sumate) – Dizem que os bons partem cedo. (Sai pela porta cinzenta).

**MUAMBA** (desolada) – Os maus duram uma eternidade.

**MENGUELECA** (em pé, olha o rosto da Sumate consumida pelo luto) – Meus sentimentos de pesar, tia Sumate.

**SUMATE** (fala soluçando) – Obrigada. (olha para a Muamba) – recebi a notícia da morte do meu marido há uma hora e meia (limpa suas lágrimas com o seu lenço de bolso). Foi a pior notícia que recebi na minha vida. (desata a chorar).

**MUAMBA** (com o rosto triste) – Estavas em casa ou no hospital?

**SUMATE** – Estava em casa, meu filho ligou para mim do hospital. A notícia da sua morte foi como se fosse um tornado que levou todos os meus sentimentos, uma areia movediça que me afundava para dentro, meu sangue congelou, minhas pernas ficaram sem força (Soluça. Chora. Limpa as lágrimas com o seu lenço de bolso). A minha vida vai se tornar num baú de solidão. (Pausa) A família do meu marido quer que o óbito se realize em Cabinda, na sua terra natal. (Pausa) Partiremos amanhã.

**MUAMBA** – Eu queria tanto acompanhar o óbito, queria estar perto de ti neste momento difícil da tua vida.

**SUMATE** – Eles decidiram sem o meu consentimento.

**MUAMBA** – Azar não custa, comadre. Um insecto, um bicho tão pequeno é capaz de tirar a vida de alguém?!

**SUMATE** (com voz serena) – Ele sempre me dizia: «Sumate, não use dragão, não suporto esse cheiro. Sumate, eu não gosto de dormir no mosquiteiro, o mosquiteiro aquece». (Fala chorando) Agora vês o que o mosquito te fez, mano Kizaca? A tua negligência te levou a morte. (Soluçando) Mosquito devolva o meu marido, por favor.

**MUAMBA** – Eu sinto muito, comadre. (Bate duas vezes o pé no chão) Que a terra seja leve para ti, mano Kizaca!

**MENGUELECA** (poisa sua mão direita no ombro esquerdo da Sumate) – Mano Kizaca é a melhor pessoa desse bairro, sempre me convidava para comer na vossa casa aos sábados. (Pausa) A minha barriga reconhece o bom homem que o mano Kizaca foi. A minha barriga já não será a mesma sem ele.

**SUMATE** (Olha para o rosto do Mengueleca) – Haverá sempre pratos a mais na mesa para te receber.

**MENGUELECA** – Eu tinha mensalidade em atraso no colégio, já fazia três meses que não pagava a mensalidade, para não ser enxotado da sala de aula, expliquei ao mano Kizaca, deu-me treze mil kwanzas. (Emocionado) Esse gesto não é para qualquer um.

**MUAMBA** – Que a sua morte perdoe os meus kilapes.

**SUMATE** – Os kilapes estão perdoados, ele deu-vos o dinheiro sem intenção de os receber. Vizinho é família, comadre.

**MUAMBA** (olha para o teto e estende os braços ao ar) – Mano Kizaca, onde quer que você esteja, estarás sempre nos nossos corações.

(Muamba faz sinal ao Mengueleca para tirar os pratos debaixo da mesa discretamente. Mengueleca recolhe-os, dá algumas garfadas, sai pela cortina da cozinha).

**SUMATE** (soluça) – Tenho que ir para casa.

**MUAMBA** – Espera, comadre, vou buscar a coberta e o lençol, hoje vou dormir na tua casa, não posso te deixar sozinha num momento desses (sai pela porta cinzenta).

(Mengueleca entra pela cortina da cozinha, observa a Sumate com um olhar de pena. Muamba entra pela porta cinzenta)

**MUAMBA** (com o cobertor e o lençol debaixo do seu braço esquerdo) – Vamos, comadre. (Olha para o Mengueleca) Filho, até amanhã. Não durma tão tarde. Não te esqueça de acender os dragões, esses mosquitos são famintos por sangue humano. (Lembra-se) Já havia me esquecido, os dragões utilizamos ontem.

(Muamba e Sumate saem do lado esquerdo do palco).

**MENGUELECA** (olha à volta da sala. Pensa. Coça à cabeça) – Tenho que ir à cozinha comer aquela comida.

(Bate alegremente na barriga) Aquela toda comida será nossa, meu amigão. Tia Sumate fez bem de chegar na hora do jantar. Até agora não acredito, mano Kizaca morreu! (Para o público) Pelo menos os mortos não sentem fome. (Sai pela cortina da cozinha).

### Segundo ato

O bar está por se organizar. Há, no centro, várias cadeiras por cima das mesas. Os cartazes de marcas de cerveja decoram as paredes azuis. No lado esquerdo, há uma prateleira de bebida pendida na parede atrás do balcão. Há uma geleira e uma arca. Um aparelho de som toca música, em volume baixo, sem interrupção, cuja playlist é Kuduro. A lâmpada no teto está apagada.

### Cena I

O Calulu está sentado com os cotovelos por cima da mesa. O Machanana está no balcão a limpar os copos com uma toalha branca. O Calulu olha à volta com um ar de preocupação e de agastamento.

**CALULU** (monólogo) – O Catato e o Ngonguenha estão a demorar. (Olha para o relógio) já estou aqui há mais de 1 hora. Será que mudaram de ideia? Pelo menos deveriam ter ligado para mim. Não posso esperá-los por muito tempo. Eu vou-me embora se não aparecerem em 15 minutos. (Coça à cabeça) Sou sempre a pessoa que mais cedo chega nos encontros do grupo, até mesmo quando me atraso. O quê que eles vão achar de

mim?! (Zomba de si próprio) Esse pacheco é a pessoa mais desocupada do mundo. Tenho que passar a ocupar o meu tempo com coisas produtivas.

**MACHANANA** (limpando um copo) – Cuidado, a psiquiatria é aqui ao lado.

**CALULU** – Esse aviso é para mim ou para as minhas lombrigas?

**MACHANANA** (rindo) – Restaram duas vagas na psiquiatria. Vocês serão bem-vindos.

**CALULU** (preocupado) – Estou farto dessa vida sem valor. Eu sou um imprestável. Eu sou um lixo. Eu não valho nada, Machanana.

**MACHANANA** – Dizem que tudo na vida presta até o lixo quando é reciclado.

**CALULU** (boceja com um rosto cansado) – Então, eu sou um exemplo prático de que há lixos que não se reciclam.

**MACHANANA** – A tua vida não é tão inútil assim, meu camarada.

**CALULU** – Ainda bem que os meus bolsos não têm boca para te responder. Só a ofensa que você não ouviria! (Os dois põem-se a rir).

**MACHANANA** – Você é sem igual.

(Entra Catato pela esquerda do palco).

**CATATO** (para Machanana) – Tudo bem? Não tenho nenhuma dívida, pois não?

**MACHANANA** – Estás limpo, Catato.

**CATATO** (para Calulu) – E aí, como foi a tua noite, meu compadre?

(O Catato e o Calulu cumprimentam-se com uma alegria no rosto).

**CATATO** (para Machanana) – Pensei que tivesse dívida.

(Machanana organiza as mesas com as suas respectivas cadeiras. Põe um cinzeiro limpo por cada mesa).

**CALULU** (para Catato) – Os mosquitos e o calor foram os meus companheiros de cabeceira. Tapava-me por causa dos mosquitos e destapava-me por causa do calor vezes sem conta. Os mosquitos e o calor queriam conversar comigo ao mesmo tempo, um falava mais alto que o outro.

**CATATO** (senta-se, ajeita seu corpo na cadeira, a cadeira range. Cruza o braços) – E como foi o diálogo?

**CALULU** – Na verdade, até ao momento, é o melhor diálogo que eu já tive na minha vida. (Fita as olheiras do Catato) Como você está? Parece que você também não teve uma boa noite de sono. Que olheiras são essas, Catato?

**CATATO** (com ar de preocupação) – Estou quase a caminho do céu. Tive uma noite horrível de sono. Só ontem que entendi a Teoria da Relatividade de Einstein.

**CALULU** – A noite durou uma eternidade para passar?

(O Catato balança à cabeça positivamente).

**CALULU** – O que foi?

**CATATO** – O meu coração ontem decidiu andar a toda a velocidade como se de um torneio de fórmula 1 se tratasse.

**CALULU** – Nem com semáforos reduziu a velocidade?

**CATATO** (leva alguns segundos para entender a metáfora) – Não há semáforos em casa quase já dois meses.

**CALULU** – Tens que ter mais cuidado com a alimentação.

**CATATO** (abana à cabeça. Repousa os braços por cima da mesa) – Com esses restos de frango e pele de porco que vendem nos armazéns de produtos alimentícios, é impossível! (Tira do seu bolso um lenço, cobre-o na boca e espirra duas vezes).

**CALULU** (pega, por alguns segundos, o cinzeiro) – É verdade, o nosso coração não aguenta quando a nossa barriga é um aterro sanitário.

**CATATO** – O meu coração e o planeta Terra têm algo em comum.

**CALULU** (desentendido) – Qual é a semelhança, Catato?

**CATATO** (preocupado) – Ambos queimam, compadre, ambos estão destruídos.

**CALULU** – Quase todo tipo de comida que tem estado no nosso prato é uma sopa mortal para o nosso organismo.

**CATATO** – Para além dessas carnes, a poluição química na agricultura tem demonstrado que o capitalismo não tem sido um bom amigo para com o meio ambiente.

**CALULU** – Nem para com a minha barriga.

(Ambos riem e apreciam por alguns minutos o Machanana a limpar as garrafas de vinho e a colocá-las na prateleira).

**CATATO** (para o público) – Milhares de pessoas sofrem de envenenamento por pesticidas e fertilizantes em cada ano, mas de quem é a culpa?; Dos cientistas que criam os produtos?; Das indústrias que o encomendam?; Dos supermercados concorrendo quem terá a prateleira mais cheia?; Do consumo insaciável do consumidor? Ou Da explosão demográfica?

**CALULU** – Nem com uma alimentação vegetariana estamos livres de correr risco. (Pausa. Recomenda) Tente comprar as frutas que aquela senhora do imbondeiro vende, é das boas, Catato.

**CATATO** (Tira do bolso uma moeda de 20 kwanzas e põe por cima da mesa) – Com o dinheiro que tenho só dá para comprar um rebuçado, Calulu.

**CALULU** (aquiesce com a cabeça. Olha à volta. Fala para o Catato em voz melancólica) – Antes de vir aqui, (gesticula) abri a arca da minha casa, gelo era a única coisa que lá tinha, gelo na horizontal, gelo na vertical, um mais grosso que outro.

**CATATO** (gargalha e ironiza) – Pelo menos já tens alguma coisa para acompanhar com arroz. (Espirra três vezes. Tira do seu bolso um lenço e limpa o nariz).

**CALULU** (franze a testa pela piada não entendida) – Que coisa é essa?

**CATATO** (rindo) – O gelo.

**CALULU** – Que engracadinho.

(O Catato ri. Seus olhos passeiam pelo bar).

**CALULU** (cruza as pernas) – Eu preciso de fazer alguma coisa para que o dinheiro volte a fixar moradia no meu bolso.

**CATATO** (ironiza gargalhando) – Talvez o teu bolso não ofereça condições para tal, meu compadre Calulu.

**CALULU** – Do jeito que nunca mais entrou dinheiro no meu bolso parece que alguém os coseu. (Com o rosto contristado) – Eu não posso ser o motivo de tristeza da minha família. Ontem a minha filha não jantou porque a comida era arroz branco, sem peixe, sem frango ou qualquer outro acompanhante. Isso feriu o meu coração, destruiu-me por completo, não quero que esse episódio se repita nunca mais. Eu tenho que fazer alguma coisa, eu quero que a minha família volte a sentir orgulho de mim.

**CATATO** – Não te cobres tanto. A culpa não está em ti, é o ano que não facilita. (Pausa) Estaria satisfeito se retirassem o ano 2014 do calendário. Que ano insano!

**CALULU** (põe os cotovelos por cima da mesa) – Temos que procurar emprego, compadre.

**CATATO** – Vamos começar amanhã.

(O Machanana limpa uma parte do chão molhado, dançando de forma engracada à música que sai pelo aparelho de som. O Calulu e o Catato apreciam a sua dança de boca aberta. Entra Ngonguenha pela direita do palco, com um jornal debaixo das axilas, vai em direcção do Calulu e do Catato, senta-se).

**NGONGUENHA** (alegre. Várias gotas de suor escorrem-lhe pela cara abaixo) – E aí, meus kunangas, como estão?

**CALULU** (com a mão na bochecha) – As minhas lombrigas protestam por melhor condições de vida, (pausa) estou óptimo, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** (rindo) Essas tuas lombrigas!

**CALULU** – É mais fácil decifrar o Código da Vinci do que saciar a fome das minhas lombrigas.

(O Ngonguenha e o Catato riem).

**NGONGUENHA** (Para Catato) – Como estás, Catato?

**CATATO** – Não estou bem, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** – É o coração?

(O Catato balança à cabeça positivamente).

**NGONGUENHA** (aponta para o Machanana) – Mas que dança é aquela?!

**CATATO** – Deve ser Kuduro.

**CALULU** (Para Ngonguenha) – Por que a demora, Ngonguenha?

**NGONGUENHA** – Queiram desculpar-me. Tive que resolver algumas coisas primeiro, a reunião da empresa na qual trabalhava estava marcada para hoje.

(O Machanana para de limpar o chão, põe o balde num canto. Dirige-se ao balcão).

**CALULU** – E como é que você está?

**NGONGUENHA** – Melhor do que nunca. (Entusiasmado) Tenho uma coisa importante para vos mostrar, talvez vos seja útil, lêem a notícia dessa página! (Põe o jornal por cima da mesa). Temos que aproveitar essa oportunidade.

**CALULU** (pega o jornal e lê silenciosamente esfregando várias vezes os olhos) – Vais-te inscrever neste concurso público? (entrega o jornal ao Catato, este o recebe).

**NGONGUENHA** – É claro que vou. E vocês?

**CATATO** (lê o jornal silenciosamente) – Essa é a melhor notícia do ano.

**NGONGUENHA** – Esse emprego vai tirar-nos da crise.

**CATATO** – Essa crise de 2014 não é para amadores. O mais gordo do meu bairro destronou o lugar do mais fininho.

(O Calulu ri).

**NGONGUENHA** – Essa crise não está fácil para ninguém!

**CATATO** – Parece que a crise veio em um bom momento, porque o meu vizinho queria tanto perder peso.

**CALULU** – Não é benéfico à saúde perder peso com refeições em falta.

**NGONGUENHA** – Lá se foram os tempos das vacas gordas.

**CALULU** – Parece que o meu filho tirou curso de comer. A comida nunca lhe chega.

**CATATO** – É nessas horas que passo a dar razão a Malthus.

**NGONGUENHA** (franze a testa) – Quem é Malthus?

**CATATO** – Explico-te depois, Ngonguenha.

**CALULU** – Na casa do meu ex-vizinho faziam da lambula o seu prato preferido. Ríamos deles, julgávamos que fossem os mais miseráveis da vizinhança, até o dia que nos surpreendeu com a notícia de que havia construído uma casa numa zona de classe média e que por sinal é uma das mais bonita do bairro.

**CATATO** – E vocês que comiam do bem e do melhor continuam na casa de renda!

**CALULU** – E com a renda em atraso.

**NGONGUENHA** – Falando em casa, a mulher de um meu vizinho decidiu pôr fim ao casamento porque o seu marido perdeu o emprego.

**CALULU** – Dizem que quando a pobreza entra pela porta, o amor sai pela janela.

**CATATO** – Essa crise tem demonstrado que o amor não enche barriga.

**NGONGUENHA** (faz um sinal ao Machanana e este vem dançando na sua direcção, entrega-lhe uma nota de mil Kwanzas, este o recebe) – Uma rodada para os três. Desconte a bebida de ontem. Não tem petisco?

(O Machanana balança à cabeça negativamente)

**NGONGUENHA** – Do jeito que a minha barriga está a resmungar parece que há um terremoto nela! Preciso de comida para socorrer as minhas lombrigas.

**CALULU** (franze a testa, olha para o Ngonguenha) – Essa frase é minha.

(Todos riem)

**MACHANANA** – O que vão beber?

**NGONGUENHA** – O Habitual, Machanana.

**MACHANANA** – Pus agora na arca.

**NGONGUENHA** – Pode dar outra marca, tudo é álcool, o fim último do efeito é o mesmo. O meu objectivo é esquecer essa coisa dura chamada vida.

**CALULU** (cabisbaixo) – Não vou beber, dá-me o dinheiro para levar jantar em casa, por favor.

**NGONGUENHA** – Ok.

(O Machanana dirige-se ao balcão).

**NGONGUENHA** (para Calulu) – O que foi? Por que está triste? Vais-te inscrever ao concurso público? Está aí uma grande oportunidade para saíres da estatística dos desempregados.

(O Catato ri. Espirra em tom alto)

**NGONGUENHA** – Santinha. Mas os teus espirros, desde a semana passada, não terminam?

(Catato balança à cabeça negativamente).

**CALULU** (inclina a cabeça, com ar de reflectir. Levanta-a, segundos depois, com um ar muito abatido. Para Mengueleca) – Em 2010 inscrevi-me a um concurso público, (pausa) tive 13,75, era para ser admitido com 14 valores.

**NGONGUENHA** (exclama) – Epa!

**CALULU** – Em 2011, tentei, tive 17, a maioria teve 18 valores.

**NGONGUENHA** – Que pouca sorte!

**CALULU** – O último concurso, tive 15 valores, os seleccionados foram os que tiveram 15,5 em diante. É muito azar na vida!

(O Machanana traz duas cervejas, entrega uma ao Ngonguenha e a outra ao Catato, o Machanana as abre. Regressa ao balcão dançando).

**NGONGUENHA** (para Calulu) – Nossa, que situação! Estás sempre no quase, meu amigo! (Dá um golo na sua bebida).

**CALULU** – Que nem a selecção angolana de futebol.

(Os três riem).

**NGONGUENHA** – Não existe melhor comparação que essa!

**CALULU** – Acho que deveria trocar o meu nome para senhor Quase.

**CATATO** – Tente mais uma vez. Quem sabe a oportunidade bate a porta dessa vez! (Solta três espirros. Seus olhos estão avermelhados. Aprecia a garrafa de cerveja na mão, mas não a bebe) – Vais concorrer? Devemos concorrer para não lamentarmos que não há oportunidade de emprego (poisa a garrafa de cerveja na mesa).

**CALULU** – Já fui apelidado de mister concurso público pela minha mulher.

**NGONGUENHA** (ri, dá um grande golo na sua cerveja) – Vais passar dessa vez, aliás vamos passar.

(O Catato e o Ngonguenha brindam).

**CALULU** (olha para o teto e estende o braço) – Deus te ouça, meu comadre, Deus te ouça! (Olha para o Ngonguenha) É tudo que eu mais quero, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** – O concurso público vai terminar daqui há três dias, preparam já os vossos documentos (tira um maço de cigarro selado do seu bolso, abri-os, tira um, leva à boca e acende).

**CALULU** – A coisa mais organizada na minha vida são os meus documentos.

**CATATO** – Já os preparei.

(O Ngonguenha dá um cigarro ao Catato).

**CATATO** (apontando para a cerveja e para o cigarro) – Não posso agredir o meu coração com seus dois piores inimigos. (Pausa pensativo) Em nenhum momento levei a minha cerveja à boca, deixei de consumir álcool a partir de hoje. (Aconselha) Apague o cigarro, Ngonguenha, transplante de coração não é para qualquer um!

**NGONGUENHA** (obedece e apaga o cigarro no cinzeiro) – Já vou começar a estudar. Que tal estudarmos juntos? (Bebe a cerveja do Catato).

**CALULU** – Boa ideia. Temos que estudar como se fosse a única coisa que existe no mundo, as vagas serão nossas se assim procedermos.

**NGONGUENHA** (alegre. Olha para o Calulu e para o Catato) – Nós vamos voltar a trabalhar. Escrevam o que eu digo.

**CALULU** (olha para o teto) – Eu prometi ao meu filho que a temporada de arroz branco está quase a finalizar. (O Ngonguenha ri. Faz-se longa pausa).

**NGONGUENHA** (olha para o Calulu) – Não me sinto bem beber ao seu lado e você adoptar o papel de um mero espectador. (Berra) Machanana, traz uma bebida para o Calulu. (Dá um grande golo na bebida).

**CALULU** – Eu já disse, não quero beber, eu quero o dinheiro da bebida para levar alguma coisa para a minha família comer, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** (faz sinal ao Machanana para não trazer a bebida) – Não queres mesmo beber?

**CALULU** – Não te preocipes, eu sei que vais pagar seis cervejas para mim, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** (ri) – Na verdade, pagaria vinte, Calulu.

**CALULU** – Não posso me embriagar enquanto a minha família passa fome, enquanto a minha mulher tosta a sua pele, nesse sol infernal, na zunga. Eu quero que a minha filha fique orgulhosa de ver seu pai levar compras para o jantar, quero que a boca da minha filha conheça o paladar de uma comida agradável. Quero que as lombrigas parem de pisotear, maltratar a barriga da minha família. Quero ser um bom pai e um bom marido (seus olhos ficam úmidos, mas as lágrimas não escorrem pela face abaixo).

**NGONGUENHA** (tira da sua carteira sete mil kwanzas e entrega ao Calulu) – Faça sua família ter orgulho de si, leve um jantar decente para eles, Calulu.

**CALULU** (indignado) – Ngonguenha, de onde saiu esse dinheiro?

**NGONGUENHA** – Aquela maldita empresa decidiu liquidar os nossos salários de dois anos em atraso.

**CALULU** (segura a mão do Ngonguenha) – Obrigado.

**NGONGUENHA** – Amigo é para essas coisas, Calulu.

(O telefone do Calulu chama, tira do seu bolso e atende a chamada).

**CALULU** – Alô (Pausa). Sim, é sou eu mesmo (Pausa). Empresa de diamantes?! (Pausa... Admirado) Jura, o emprego é meu?! (Pausa) Para trabalhar no escritório de Luanda? (Pausa) Sim, sou formado em engenharia informática e engenharia de minas. (Pausa) Para começar a trabalhar amanhã?! (Esboça um sorriso. O Catato e o Ngonguenha admirados fitam o Calulu). Muito obrigado, estarei aí amanhã às 7 horas e 30 minutos. (O Calulu levanta-se, dirige-se ao centro do palco, ajoelha-se, berra movimentando os braços)

**CATATO** (olhando para o Calulu, berra) – Parabéns, compadre. Conseguiste.

(O Calulu reza, silenciosamente, olhando para o teto, no centro do palco, ajoelhado).

**NGONGUENHA** (olhando para o Calulu, berra) – Esse emprego é a tua soltura dessa prisão chamada pobreza.

**CATATO** (olhando para o Calulu, berra) – Até que enfim a pobreza deixou de ser uma prisão perpétua na tua vida

**NGONGUENHA e CATATO** (vão em direcção ao Calulu, ajoelham-se e envolvem-se num grande abraço. Em uníssono) – Você merece.

## Cena II

Entram Muteta e Mufete pela esquerda do palco, estão sedutoramente vestidas, ambas de saias de lã apertadas e um decote que chama atenção, o Ngonguenha acompanha seus passos com os olhos, dirigem-se ao balcão. O Ngonguenha as aprecia com a admiração, elas estão de costas para o público. Depois de alguns minutos, viram-se para o público. O Ngonguenha faz um sinal ao Machanana, este deixa o balcão e vai na sua direcção.

**MACHANANA** (abaixa a cabeça na direcção de Ngonguenha e explica) – A de saia rosa é a Muteta, a de vermelha é a Mufete.

**NGONGUENHA** (tira da sua carteira mil kwanzas e entrega ao Machanana) – Desconte duas bebidas para elas e traga mais uma para mim.

(O Machanana dirige-se ao balcão, regressa com uma bebida na mão, entrega ao Ngonguenha e abre-a. Volta ao balcão. Muteta e Mufete caminham na direcção dos três, cada uma com uma garrafa de cerveja na mão).

**MUFETE** (com a mão esquerda na cintura) – Olá, como vão?

**NGONGUENHA** – Hoje é meu dia de sorte. Os meus olhos nunca mais viram tamanha beleza. Deus parece que ouviu as minhas preces, Mufete.

(Muteta esboça um sorriso)

**MUFETE** – Ele sempre ouve.

**CATATO** (para Mufete) – O meu coração já estava calmo, com a vossa beleza decidiu acelerar mais rápido.

**MUFETE** (exibe seu corpo ao Catato) – Essa beleza não é para cardíacos! Eu sou muito captopril para a tua doença.

(Ngonguenha olha para o Catato, ambos riem).

**MUTETA** (para Calulu) – E você, meu lindo?

**CALULU** – Lindo? Eu?! É muita simpatia da tua parte.

**MUTETA** – Nunca te falaram que a beleza está nos olhos de quem vê? Vamos dar uma rapidinha.

**CALULU** (aborrecido) – Eu não preciso de rapidinha, preciso de comida.

**MUTETA** (acariciando o rosto do Calulu) – Então venha me comer.

**CALULU** – Perdi o apetite.

**MUFETE** (fita-os, ajeitando sedutoramente o seu decote) – Que tal praticarmos um dos 7 Pecados Capitais?  
(Poisa sua garrafa de cerveja na mesa).

**NGONGUENHA** – Qual deles?

**MUTETA** – A gula.

**MUFETE** (exibindo o corpo) – Nós somos gulosas por sexo. Eu e Muteta somos famintas por sexo.

**MUTETA** – Há mulheres que são pratos de entrada, há aquelas que são pratos principais, outras são sobremesa, mas nós somos a composição de todos os pratos (gira o seu corpo entre os três).

**MUFETE** – Meu corpo é uma gastronomia deliciosa.

**MUTETA** (exibe o seu corpo ao Calulu) – Você não está fascinado em ver esse belo corpo?

**CALULU** (desvia o olhar) – Nada me fascina, excepto um prato de comida.

**MUTETA** – Eu sou um prato a ser comida após o ramadão, (segura a mão do Calulu) vem, me coma com toda a tua gula.

(O Calulu abana à cabeça).

**MUFETE** (para o Ngonguenha) – Pegue na minha bunda, meu gostosão.

**NGONGUENHA** (ri entre os lábios e faz exatamente o que a Mufete pede) – O teu pedido é uma ordem.  
(Entusiasmado) Muito gostosa.

(O Calulu balança à cabeça negativamente).

**MUFETE** – Ela é toda sua.

(A Mufete e a Muteta dirigem-se ao balcão, estabelecem conversa com o Machanana, ecoa várias risadas).

**CALULU** (para Ngonguenha) – Está na idade de ser tua filha, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** – Mas não é minha filha, Calulu.

**CALULU** – Ganhe juízo, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** – Hoje não, prometo ganhar juízo amanhã.

**CALULU** – A tua mulher não merece isso.

**NGONGUENHA** (maravilhado, aponta na direcção onde elas estão) – Olhem para aqueles corpos! Deus é um poeta!

**CALULU** – São obras do Diabo isso sim. (Aconselha) Não faça o que você não gostaria que a tua mulher fizesse.

**NGONGUENHA** (desinteressado pelo conselho) – Hoje passei a acreditar que Deus existe, (volta apontar na direcção onde elas estão) aquelas mulheres não podem ser obras do acaso. É tanta perfeição reunida num só corpo.

**CATATO** – Eu concordo. Deus estava inspirado quando as fez.

**NGONGUENHA** – Hoje é meu dia de sorte.

**CALULU** – Controle os impulsos.

**NGONGUENHA** – A carne é fraca.

**CALULU** – ... Mas temos que viver como se fôssemos de ferro, já dizia Freud.

**NGONGUENHA** – Quem é Freud?

**CATATO** – Alguém que sabe mais de sexo do que nós três.

**NGONGUENHA** – Jura?!

(Catato balança à cabeça positivamente)

**NGONGUENHA** – Tenho que ler Freud.

(O Machanana, com um pano no ombro, caminha na direcção dos três).

**MACHANANA** – Os senhores vão pedir mais alguma coisa?

**NGONGUENHA** – O que eu quero é comer (aponta) aquelas duas.

**MACHANANA** (ri) – Quem não quer, meu amigo, quem não quer!

**NGONGUENHA** – Desconte mais duas bebidas para elas, Machanana.

**MACHANANA** – O teu pedido é uma ordem, Ngonguenha.

**NGONGUENHA** – Ok.

**MACHANANA** – Chamem por mim se precisarem de mais bebida (dirige-se ao balcão).

(A Muteta e a Mufete deixam o balcão e vão na direcção dos três, cada uma com uma garrafa de cerveja na mão).

**MUTETA** – Nós estaremos a vossa espera no beco. Vocês estarão em boas mãos.

**CATATO** – No beco? Já não tem outro lugar, Muteta?

**MUFETE** (exibe seu decote) – O beco é isolado. Vamos dar uma rapidinha (dá um golo na sua cerveja).

**CALULU** (censurando) – O ser humano é especialista em invadir território alheio. Deixem o beco para os cães.

(O Ngonguenha põe-se a rir, a Mufete acaricia-o).

**CATATO** – A estas horas?! O beco ainda está claro (Olha para o relógio) São 15 horas e 38 minutos.

**MUFETE** – A sua hora está errada.

**CATATO** – É impossível. E que horas são no teu relógio?

**MUFETE** – O meu relógio indica que é hora exacta para se fazer sexo puro e gostoso.

**MUTETA** – Vamos verificar o beco, voltaremos em breve.

(A Muteta e a Mufete saem pela esquerda do palco)

O Ngonguenha olha para o Catato e o Catato olha para o Calulu, este último abre a boca para dizer alguma coisa, mais cala. Há um silêncio constrangedor que durou alguns segundos.

**NGONGUENHA** (dá um golo na sua cerveja) – O que faremos?

**CALULU** – Nada.

**NGONGUENHA** – Quanto tempo você não faz sexo com a tua mulher?

**CALULU** – três meses.

**NGONGUENHA** – Que greve de sexo prolongado!

(O Catato e o Ngonguenha riem).

**CALULU** – Eu chego quase sempre embriagado de noite. É desconfortante quando um cheira a álcool no acto sexual.

(A Muteta e a Mufete, com as suas cervejas na mão, entram pela esquerda do palco, o Ngonguenha as come com os olhos acariciando a sua barba).

**MUTETA** (com uma mão apoiada na anca, pisca o olho ao Calulu) – Já decidiram?

**CALULU** (com profundo desprezo) – Eu amo a minha mulher. Eu nunca faria sexo com uma mulher a não ser a minha.

**NGONGUENHA** (chateado) – Mas que raio de homem és tu? São mulheres, mulheres gostosas. Elas são como estrelas cadentes, raras de aparecer, Calulu.

**CALULU** (curva o seu corpo, põe discretamente os sete mil kwanzas numa das suas meias e recompõe-se) – Eu não tenho nenhuma atração sexual por elas, Ngonguenha.

**MUTETA** (aponta para o colo do Calulu) – Não é o que o volume da tua calça diz. Deixe de reprimir os desejos da carne, Calulu.

**CALULU** – Prefiro reprimi-los. Eu sou um homem fiel e, por outra, não quero levar para minha casa doenças sexualmente transmissíveis, Muteta.

**MUTETA** (Pega na mão do Calulu) – Vamos naquele beco, não te vais arrepender. Aceite o convite, meu bem.

**CALULU** – Aceitá-lo-ia se fosse a um restaurante. Nunca me convidaram para ir nesses locais onde se tem boa comida, as minhas mãos nunca receberam um menu e os meus olhos nunca tiveram o prazer de ler a diversidade da gastronomia de um restaurante. Eu também quero ter o privilégio de estar indeciso que prato escolher ou que prato comer.

(A Mufete e a Muteta poisam as suas cervejas na mesa).

**MUTETA** (passando o dedo do Calulu no seu corpo) – Passa o dedo em mim, Calulu, como se estivesses a procurar o nome da comida no menu. Faça os pedidos que os teus desejos serão concedidos, meu bem.

(O Calulu retira o seu dedo da mão da Muteta e abana à cabeça).

**MUTETA** – Vem provar essa doçura, meu bem.

**CALULU** – Eu sou diabético, Muteta.

**MUTETA** (nervosa) – Deixe de ser engraçado.

**CALULU** – Esse conselho é para mim ou para as minhas lombrigas?

(O Catato e o Ngonguenha fartam-se de rir)

**MUTETA** (para Ngonguenha) – Ele é sempre assim?

**NGONGUENHA** (rindo) – Só nas horas que as lombrigas fazem cócegas na sua barriga

**CALULU** – E todas as horas, as lombrigas fazem cócegas na minha barriga.

**MUTETA** (aborrecida) – Há homens que não sabem aproveitar as oportunidades da vida. Que espécie de homem és tu?!

**CALULU** (clarificando) – Uma espécie rara, aquela espécie de homem que só tem olhos para uma mulher.

**NGONGUENHA** (para Calulu) – Deixe de fazer papel de parvo. É só uma rapidinha e mais nada, é tão simples, não é necessário fazer uma tempestade num copo d'água.

**MUTETA** – Você precisa de relaxar, de aproveitar os prazeres da vida, de pensar mais em ti. Você precisa de ser feliz.

**CALULU** – Não existe maior felicidade do que arrancar sorrisos nos lábios da minha filha.

**MUFETE** (para Ngonguenha) – É só quinhentos Kwanzas (fita o Ngonguenha com um olhar sedutor) por ti, faço um descontozinho, meu gostosão, meu Ngonguenha.

**NGONGUENHA** (levanta, pega na cintura da Mufete) – Nada de desconto, você merece mais que quinhentos Kwanzas. (Acarinha a face da Mufete) A tua remuneração tem de ser infinita tal como os números, Mufete.

**MUFETE** – Você sabe valorizar uma mulher.

**NGONGUENHA** (acaricia a face da Mufete declamando):

O teu corpo é uma atração turística

Uma exposição

Uma tela em leilão

Há mulheres que

Inevitavelmente

São excelentes

Obras de arte.

(O Ngonguenha tenta beijar a Mufete, ela esquiva. Marca um passo para trás e fita-os).

**MUFETE** – Quinhentos Kwanzas na mão ou vamos embora, (aborrecida) já perdemos muito tempo convosco.

**CALULU** – A porta é a serventia da casa, Mufete.

**CATATO** (com um olhar de pena) – Eu não tenho dinheiro.

**NGONGUENHA** – Eu tenho, pago para vocês dois. Vamos, a vida nunca mais sorriu dessa forma para mim.

A sexta-feira promete.

(O Ngonguenha, a Mufete, o Catato e a Muteta saem pela esquerda do palco. O Calulu, com um jornal na mão, sai pela direita do palco).

### Terceiro ato

O beco é estreito, há várias latas e garrafas de cerveja espalhada no chão e um balde cheio de lixo ao lado de um placar escrito «proibido deitar lixo aqui». As paredes do beco não estão rebocadas e apresentam várias fissuras.

### Cena I

O Ngonguenha troca carícias com a Mufete. O Calulu abana a sua cara com um jornal. A Muteta está a conversar com Catato entre risinhos.

**CATATO** – Não há lugar melhor para se fazer sexo?! (Faz cara feia. Aperta o nariz com o dedo polegar e indicador da sua mão esquerda) Nossa que horrível!

**CALULU** – Nem os cães conseguem fazer sexo aqui.

**MUTETA** (para Catato) – Por quinhentos Kwanzas, isso é um hotel cinco estrelas, Catato.

**MUFETE** (para Ngonguenha) – O dinheiro?

**NGONGUENHA** (tira três notas de quinhentos Kwanzas do seu bolso) – Está aqui, Mufete.

(A Mufete as recebe, põe-nas no seu decote e esboça um sorriso. A Muteta tira da sua bolsa duas pastilhas, leva uma à boca, a outra, entrega à Mufete).

**CALULU** – Não contem comigo.

(Entra Cabuenha pela esquerda do palco).

**CABUENHA** (de costas viradas. Com uma voz autoritária) – Que palhaçada é essa?

**NGONGUENHA** – O beco está ocupado, apareça noutra hora!

**CABUENHA** (feroz) – Essa zona é minha. Eu sou o próprio Cabuenha, o dono desse beco.

**NGONGUENHA** – Pelo estado do beco, essa zona é mesmo tua, até um curral chega a ser mais limpo que isso. Vai dar uma volta, mano.

**CABUENHA** – Quem manda aqui sou eu! (Tira, da sua cintura, uma pistola) Dêem tudo que vocês têm (aproxima-se ameaçando-os) ou o Cabuenha vos mata!

(A Muteta e a Mufete gritam de medo).

**CALULU** (levanta a mão no ar) – Pode levar a minha fome, é tudo que tenho.

**CABUENHA** – Cala boca, seu engraçado.

**CALULU** – Não existe nada mais engraçado do que as lom...

**CATATO** (corta. Fala baixinho para o Calulu) – Não é hora de fazer piada sobre barriga, lombriga e fome.

**CABUENHA** (apontando para a Mufete e Muteta) – Vocês duas aí, quanto foi que eles pagaram? Passem imediatamente o dinheiro (Mufete tira o dinheiro do seu decote e entrega-o tremendo).

**NGONGUENHA** – Lá se foi a nossa rapidinha.

**CALULU** (aparte) – Eu sabia que isso não acabaria bem.

**CABUENHA** – Mais velhos sem juízos, (balança a pistola apontando para o Calulu, Ngonguenha e o Catato) vocês não sabem que elas estão na idade de ser vossas filhas? Elas só têm 17 anos.

**NGONGUENHA** – Nem parece, olhem para os corpos delas!

**CABUENHA** – Não te armes em engraçado.

(O Catato olha atentamente para a pistola do Cabuenha).

**CABUENHA** – Bandos de pedófilos.

**CATATO** – Seu espertalhão! Essa pistola é de brinquedo, eu já servi o exército.

**CALULU** (para Cabuenha) – Espera aí, você não é o Cabuenha... Que estudou comigo na Escola 333? Era você que levava pão com cabuenha na escola. O teu rosto não me é estranho.

**CABUENHA** (vira-se para o público. Envergonhado) – Que merda! Fui desmascarado!

**CATATO** – Aposto que estas duas vigaristas estão contigo nessa roubalheira (recebe o dinheiro na mão do Cabuenha).

(O Catato e o Ngonguenha saem pela esquerda do palco murmurando).

**CATATO** (poisa a sua mão direita no ombro esquerdo do Cabuenha) – Não permita que as lombrigas te levem ao crime!

**CABUENHA** – Eu tenho filhos para criar. Hoje matabichamos arroz branco com o cheiro do feijão da casa da minha vizinha. Eu nunca mais fiz as três refeições diárias: se não falha o matabicho, falha o almoço, se não falha o almoço, falha o jantar. Sempre falta alguma coisa na minha casa, se não é café, é açúcar. Falando em açúcar, minha mulher queria empurrar arroz branco com café, mas faltava açúcar. Que sorte tem o seu coração, a estas horas o batimento cardíaco do seu coração aceleraria a passos de cavalos.

(A Muteta e a Mufete cochicham. Fazem balões com as suas pastilhas).

**CALULU** – Sempre falta alguma coisa nas nossas casas (tira a sua mão direita do ombro esquerdo do Cabuenha).

**CABUENHA** – Na minha casa é pior. Minha mulher vive dizendo que não pode morrer de fome (seus olhos ficam aquosos).

**CALULU** – Não podemos matar a fome com o que você acabou de fazer. Eu sei que cada um enfrenta uma batalha na sua barriga: para a minoria é uma guerra civil; para a maioria é uma guerra nuclear, Cabuenha.

**CABUENHA** – O mundo está mais preocupado com o bombardeio na Síria do que com a guerra na minha barriga! (Cabuenha esconde a pistola de brinquedo na sua cintura, ajeita a sua camisa para não a tornar visível).

**CALULU** – Eu sempre digo que a grande questão não são os bombardeios na Síria ou em qualquer outra parte do mundo, mas o bombardeio que cada um enfrenta na sua barriga. Quando a barriga começa a resmungar parece que foi atacada com a maior arma mortífera, Cabuenha.

**CABUENHA** – Preciso de emprego.

**CALULU** – Tem um concurso público que vai terminar daqui há três dias. Lê esta página (entrega o jornal ao Cabuenha, este recebe).

**CABUENHA** – Vou-me inscrever. (Esperançoso e determinado) Esse emprego já é meu!

**MUFETE** – Também quero me inscrever.

**MUTETA** – Contem comigo.

(Os quatro saem pela esquerda do palco conversando)

#### Quarto ato

O quintal está organizado. Há três bidões, enfileirados, de 25 litros. A porta de entrada da casa é azul. Uma mochila está por cima da mesa e duas cadeiras à volta dela. O muro não está rebocado nem pintado. Há um fogareiro aceso com uma panela. Há também um portão de chapa que dá acesso ao exterior.

#### Cena I

A Muamba está a abanar o fogareiro, tira a tampa da panela para ver se a comida já está a ferver, volta a tapá-la. O Mengueleca joga futebol. A Cabidela está sentada à mesa, abre a sua mochila e tira os seus cadernos e a lapiseira. O Calulu entra pelo portão de chapa, exibe as compras que estão nas suas duas mãos, todos ficam perplexos.

**CALULU** (esboça um sorriso) – Como estão, minha família?

**CABIDELA** (alegre) – Papá chegou, fome acabou.

**CALULU** – Venha cá, meu docinho. (A Cabidela corre, abraça o Calulu e recebe as compras das suas mãos, retira entusiasmada cada coisa e põe-nas no chão).

**CABIDELA** (sorridente) – Mamã, o papá trouxe três copos de yogurt (mostra-os à Muamba. O Calulu acaricia a face da Cabidela, esta o abraça de novo). Obrigada, por cumprires a tua promessa, papá (beija o rosto do Calulu).

**CALULU** – Você merece, Cabidela (desfazem-se do abraço). Como um bom pai, é meu dever alimentar a minha família

A Muamba tira o saco e as coisas do chão e põe-nas por cima da mesa, põe os cadernos e a lapisseira na mochila da Cabidela.

A Cabidela põe os copos de yogurt por cima da mesa, abre um e chupa.

**MUAMBA** (para Cabidela) – Olha o que o teu pai trouxe! (Balança a garrafa de sumo da sua mão) É sabor de manga, o teu sabor preferido.

**CABIDELA** (vai buscar o sumo na mão da Muamba) – Nunca mais tomei esse tipo de sumo. (Entusiasmada) Eu tenho o melhor pai do mundo.

**MUAMBA** (sorrindo) – O vento desta vez não levou as promessas do teu pai. (Retira a caixa de chocolate do saco e mostra para a Cabidela) Olhe essa caixa de chocolate!

**CABIDELA** (saltita alegremente) – Hoje é o melhor dia da minha vida. Nunca pensei que haveria um outro dia melhor que a data do meu aniversário (põe o sumo na mesa e recebe a caixa de chocolate da mão da Muamba).

**MENGUELECA** (jogando à bola) – Eu também quero a minha barra de chocolate.

**CABIDELA** – Não posso partilhar os meus chocolates.

**MENGUELECA** – Também só estava a brincar. (Sorrindo) – Não te preocupes, as minhas lombrigas são alérgicas a chocolate.

**CABIDELA** (para Calulu) – Que todos os dias sejam como este, papá.

**CALULU** – Essa é a minha missão, meu doce.

**MUAMBA** (Para Cabidela) – Teu pai também trouxe feijão.

**CABIDELA** (com o sorriso no rosto) – Mamã, põe já o feijão no fogo. Hoje vamos ter um jantar delicioso. Nunca mais comemos feijoada.

**MENGUELECA** – Hoje, vamos passar por um processo de desfomização!

**CALULU** (gargalhando) – Mais que processo é esse?!

**MUAMBA** (para Cabidela) – É verdade, mas já é tarde para pôr o feijão no fogo, fica para amanhã. Vamos jantar cozido. Teu pai trouxe azeitona e grão de bico.

**CABIDELA** (pula de alegria) – Cozido! Até que enfim vou comer com garfo e faca. (Acaba de lambuzar o primeiro copo de yogurt e põe-no por cima da mesa. Tira o outro copo de yogurt e abre-o).

**MUAMBA** – Guarde o outro copo de yogurt para tua sobremesa, minha pequenina. A gula é um dos 7 Pecados Capitais.

**CABIDELA** – Sim, vou guardar, mamã.

**CALULU** (para Muamba) – Falando em 7 Pecados Capitais, você diria que eu sou o homem mais fiel do mundo se você soubesse o que me aconteceu hoje.

**MUAMBA** – O que aconteceu?

**CALULU** – Conto noutra altura.

**MUAMBA** – Ok. (Para Cabidela) O teu pai também trouxe trigo. Farei um bolo tão gostoso para minha menina amanhã, terás uma sobremesa de princesinha.

**CABIDELA** (alegre) – O jejum de comer bolo só no natal vai terminar. Ainda não estou a acreditar. Me belisque, por favor. Será que hoje é dia 24 de Dezembro?!

(Todos riem)

**MUAMBA** (olha para o Calulu e esboça um sorriso) – Obrigado por proporcionar essa alegria a nossa filha, uma alegria que não visitava os seus lábios há muito tempo. Obrigado por desconfinar o que há de bom no teu coração (o Calulu faz vênia à declaração da Muamba com uma grande alegria e satisfação. A bola de futebol vem na direcção do Calulu, chuta-a mirando no pé do Mengueleca).

**MUAMBA** – Já estava mesmo a pensar no que iríamos comer. (Aponta ao fogareiro) Naquela panela só tem rama de batata. Hoje o jantar seria simplesmente rama de batata. Muito obrigado, meu marido.

**CALULU** – Muamba, como foi a zunga?

**MUAMBA** (triste) – Foi a pior venda do mês, nem sequer uma cueca vendi. (Põe o peixe numa banheira e as duas embalagens de batata rena noutra. Senta, começa a escamar o peixe). O negócio vai de mal a pior.

**MENGUELECA** (para de jogar e vai em direcção da Muamba e do Calulu) – As panelas da nossa casa vão contar uma bela história hoje. Há quanto tempo não comemos cozido? (Coça à cabeça, lembra) Há dois anos.

**MUAMBA** (põe-se a rir) – Podes crer, filho. Hoje às panelas e os pratos vão ficar surpresos com cada ingrediente.

**MENGUELECA** (apontando para às coisas que estão na mesa) – Todos esses ingredientes percorreram quilômetros de distância para repousarem na minha barriga.

(A Cabidela dança alegremente)

**MENGUELECA** (apontando para a banheira do peixe) – Eu acho que o peixe ainda está vivo.

**MUAMBA** – Deixe de ser idiota pelo menos uma vez na vida. Não vês que o peixe está morto?

**MENGUELECA** – Dizem que o peixe morre pela boca.

(Todos desatam a rir)

**CALULU** – Tenho uma notícia para vocês.

(Todos fitam o Calulu)

**CABIDELA** (com rosto triste) – Depois da alegria vem a tristeza.

**MENGUELECA** (para Cabidela) – A alegria do pobre dura pouco. Acostume-se!

**CALULU** – Não é notícia triste, é a melhor notícia do mundo.

**MENGUELECA** – Jura?! Deus erradicou a fome no mundo?!

(O Calulu esboça um sorriso)

**MUAMBA** (zangada) – Não evoques o nome de Deus à toa.

**CALULU** – Vou começar a trabalhar a partir de amanhã.

**MENGUELECA** – Lamento informá-lo, hoje não é dia 1 de Abril.

**CALULU** – Não estou a mentir. Vou começar a trabalhar a partir de amanhã.

**MENGUELECA** (admirado) – Isso é verdade?

**MUAMBA** (ajoelha-se, olha para o céu e estende o braço) – Graças a Deus! Deus ouviu as minhas preces! (Levanta-se, abaixa a cara e ora silenciosamente).

**CALULU** – Ligaram-me hoje de uma companhia de diamante.

**MENGUELECA** (franze a testa admirado) – Calma, não ouvi bem. O papá disse companhia de diamante?! Você só deve estar a brincar com as nossas caras, só pode.

**CALULU** – É verdade.

**MENGUELECA** (entusiasmado) – Assim o papá vai comprar a minha Playstation?

**CALULU** – Sim, a última versão.

**CABIDELA** – Assim vamos ter sempre sobremesa?

**CALULU** – Isso nunca vai faltar.

**MUAMBA** (olha para a Cabidela, as duas envolvem-se num sorriso) – Até que enfim o drama de comer arroz branco sem nada vai terminar.

(A Muamba, Mengueleca e a Cabidela vão na direcção do Calulu).

**CALULU** – A temporada das vacas gordas se avizinha. Vocês vão comer do bem e do melhor, vão comer aquelas comidas das novelas, vão comer aquelas comidas dos programas de culinária, (olha para Cabidela) vão comer com garfo e faca. Eu não vou trabalhar para mim, vou trabalhar para vocês. Minha missão a partir de hoje é fazer (aponta para a Muamba, Mengueleca, e a Cabidela) cada um de vocês feliz. Não existe maior felicidade do que arrancar sorriso nos vossos lábios. (Para Muamba) Queria te agradecer por ter posto comida cá em casa quando eu não trabalhava. Obrigado por enfrentares cada dia o insuportável sol de Luanda para que o fogão da nossa casa não ficasse apagado. Obrigado por teres carregado às costas todo sofrimento dessa casa. Você teve mil motivos para desistir de mim, mas não desistiu, você teve mil motivos para me deixar, mas você ficou, suportou a minha condição de desempregado, suportou todas as minhas manias, suportou todos os meus hábitos de cerveja, suportou tudo o que há de negativo em mim (lágrimas escorrem no rosto do Calulu, a Muamba as enxuga com o seu dedo polegar da sua mão direita). Muito obrigado, minha mulher. (Todos se envolvem num abraço caloroso).

**Fim.**